LIVRO DE POEMAS

ERA COLONIAL

Carta Pero Vaz de Caminha

"Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma." "Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos." "Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

"Mostraram-lhes Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo."

ERA NACIONAL

Gonçalves Magalhães (suspiros poéticos e saudades). Poesias dessas obra:

A Fantasia

Para dourar a existência Deus nos deu a fantasia; Quadro vivo, que nos fala, D'alma profunda harmonia. Como um suave perfume, Que com tudo se mistura; Como o sol que flores cria, E enche de vida a natura. Como a lâmpada do templo Nas trevas sozinha vela, Mas se volta a luz do dia Não se apaga, e sempre é bela. Dos pais, do amigo na ausência, Ela conserva a lembrança, Aviva passados gozos, E em nós desperta a esperança. Por ela sonho acordado, Subo ao céu, mil mundos gero; Por ela às vezes dormindo Mais feliz me considero. Por ela, meu caro Lima, Viverás sempre comigo; Por ela sempre a teu lado Estará o teu amigo.

A Tristeza

Triste sou como o salgueiro Solitário junto ao lago, Que depois da tempestade Mostra dos raios o estrago. De dia e noite sozinho Causa horror ao caminhante, Que nem mesmo à sombra sua Quer pousar um só instante. Fatal lei da natureza Secou minha alma e meu rosto; Profundo abismo é meu peito De amargura e de desgosto. À ventura tão sonhada, Com que outrora me iludia, Adeus disse, o derradeiro, Té seu nome me angustia. Do mundo já nada espero, Nem sei por que inda vivo! Só a esperança da morte Me causa algum lenitivo.

A Flor Suspiros

Eu amo as flores Que mudamente Paixões explicam Que o peito sente. Amo a saudade, O amor-perfeito; Mas o suspiro Trago no peito. A forma esbelta Termina em ponta, Como uma lança Que ao céu remonta. Assim, minha alma, Suspiros geras, Que ferir podem As mesmas feras. É sempre triste, Ensanguentado, Quer seco morra, Quer brilhe em prado. Tais meus suspiros... Mas não prossigas, Ninguém se move, Por mais que digas.